

Recebido em set. 2014
Aprovado em nov. 2014

A MORTE EM ROSA LUXEMBURGO E MICHEL FOUCAULT

CAIO SOUTO *

RESUMO

Rosa Luxemburgo e Michel Foucault, a menos no que respeita à maneira como se deu uma fusão entre obra e vida e entre teoria e prática, estão muito próximos. A partir de uma breve reflexão sobre o modo como conceberam a vida e a morte, bem como viveram e morreram, faz-se visível a possibilidade de uma estética da existência. Isso se comprova também pela morte que cada um encontrou, e sua postura diante dela.

PALAVRAS-CHAVE

Morte. Estética da existência. Vidas paralelas. Rosa Luxemburgo. Michel Foucault.

* Doutorando em Filosofia pela UFSCar. Bolsista CAPES.

ABSTRACT

As to how merged their work and life, or their theory and practice, Rosa Luxemburg and Michel Foucault are very close. From a brief reflection on how conceived life and death, and lived and died, it is visible the possibility of an aesthetics of existence. This is also proved by the death each found, and his attitude towards her.

KEYWORDS

Death. Aesthetic of existence. Parallel lives. Rosa Luxembourg. Michel Foucault.

A DIRLENE PEREIRA

“QUANTO AO PROGRESSO MORAL
QUE TERIA PODIDO FAZER, EU ME FIARIA NA MORTE...
ESPERO O DIA EM QUE ME TORNAREI JUIZ DE MIM MESMO E SABEREI
SE TENHO A VIRTUDE NOS LÁBIOS OU NO CORAÇÃO”

SÊNECA

“COMO DIZIA LASSALLE, A TAREFA MAIS REVOLUCIONÁRIA
SERÁ SEMPRE DIZER EM ALTO E BOM SOM AQUILO QUE É”

ROSA LUXEMBURGO

Um dos legados da Antiguidade que atravessaram os séculos e se conservaram até nós foi a coletânea de Plutarco intitulada *Vidas paralelas*, em que o autor-biógrafo descreve e confronta vidas de homens, em geral políticos, que haviam marcado a história da humanidade aos olhos dos que viviam no período que hoje se conhece por antiguidade tardia, compreendido por volta dos dois primeiros séculos. Obra da qual conhecemos um fragmento (algo dela se perdeu, é verdade), em que são expostas comparativamente, par a par, as vidas de um ilustre homem grego e de um ilustre homem romano. Raro monumento erguido no seio da era a qual se convencionou chamar greco-romana e que devemos ler como uma demonstração de reconhecimento das muitas relações entre as duas culturas (ou talvez da influência grega sobre a romana). Verdadeiro marco literário na história do Ocidente.

Ao tentar esboçar um projeto similar no qual figurariam duas vidas que se situaram entre os séculos

XIX e XX, é certo que o intuito muda. Mas permanece, ao menos, o esforço em demonstrar à posteridade pontos de encontro entre indivíduos que de fato viveram e morreram e estabeleceram com o poder certas relações que se agenciam, bem como também linhas de cruzamento entre forças políticas que transcendem à existência individual dessas duas vidas e remetem necessariamente a toda uma coletividade, um povo, uma cultura.

Plutarco cuidadosamente escolheu um herói grego e um romano (por exemplo, Péricles e Fábio Máximo) para cada livro seu em que iria narrar suas vidas e recolher dados que fizessem crer que se tratava de existências exemplares, com alguns aspectos em comum. Trata-se, é certo, de uma narração com objetivos didáticos, em que se unem um trabalho de historiador e de aconselhador. Por tratar de existências reais, tencionando mostrá-las tais como foram, o autor acreditava contribuir para a educação de seus leitores:

[...] apresentar o homem-modelo em ação, pois é essa a melhor forma de se avaliar o seu caráter – virtudes e vícios. Só deste modo sentiremos a necessidade de imitar as suas qualidades e de evitar os mesmos erros e defeitos (Emílio Paulo 1, Demétrio 1. 1–6). (PLUTARCO, 2010, p. 23).

Escolhemos aqui falar de duas vidas reconhecidas não só por seu trabalho teórico, mas como intelectuais engajados, como seres políticos que gostaríamos de abordar comparativamente. Priorizaremos dois aspectos da vida política de Rosa

Luxemburgo e Michel Foucault que os imbrica. O primeiro concerne ao exercício do “dizer a verdade”, para o que invocaremos a noção (ou as diferentes noções) de *parrhêsia*, estudada por Foucault em seus últimos textos e cursos. Já sobre o segundo aspecto, muito mais difícil de falar, é preciso trazer a experiência peculiar de cada um para mostrar o seu ponto de encontro: eis que se trata da morte. Pois que nos dois casos de vidas reais que buscaremos comentar, a morte, ou resultou diretamente do exercício de “dizer a verdade”, ou manteve com ele um estreito vínculo, estendido às últimas consequências. Acreditamos que há muito a se aprender com as experiências concretas da vida de Rosa Luxemburgo e de Michel Foucault, bem como da postura frente à morte que lhes é respectivamente correlata.

Seguiremos com uma breve descrição da noção de *parrhêsia* revisitada por Foucault em suas últimas aulas no *Collège de France*, que pode ser aproveitada à compreensão do pensamento e da vida de Rosa Luxemburgo. Em torno desse termo se encerra uma obstinação em dizer a verdade toda e sem trégua não se furtando aos riscos comportados nesse dizer. Num primeiro sentido do termo, pesquisado por Foucault, a *parrhêsia* compreendia a prática política da democracia, relacionada à própria condição de cidadão da *pólis*, dado que a um escravo, por exemplo, ou a um estrangeiro não era concedido o direito ao franco-falar: “Para que haja democracia, é preciso haver *parrhêsia*; para que haja *parrhêsia*, é preciso haver democracia” (FOUCAULT, 2008, p. 143).

Mas Foucault analisa outras noções encontradas nos textos antigos para o termo. Em Sócrates, por exemplo, a *parrhêsia* consistia numa relação de si para consigo mesmo, envolvendo um princípio ético. Muitos parresiastas ensinavam e difundiam a prática do cuidado de si entre os outros indivíduos, pelo que faziam circular a prática do governar a si mesmo de maneira honesta e verdadeira, segundo as convicções que cada um, ao longo da vida, construiu. Exercício político, mas também ético, a *parrhêsia* consistia numa resistência ao poder estabelecido, pois é comum que a verdade construída por cada um ao longo de sua própria vida não se coadune com a forma de pensar e viver da maioria.

E Foucault complementa que a coragem da verdade parresiasta devia encerrar-se num ato ao mesmo tempo livre e perigoso. Era necessário que fosse livre, pois não poderia implicar nenhuma coerção ou imposição e deveria revelar um ponto de vista pessoal sobre o assunto em questão, mas também era necessário que fosse perigoso, importando um risco inerente ao ato de dizer a verdade aos mais poderosos chefes políticos, para quem muitas vezes ouvi-la poderia ser intolerável. Cumpre lembrar que o destino trágico de muitos parresiastas se deve justamente a essa coragem. Quanto à sua relação com a morte, Sócrates quiçá seja o exemplo mais antigo que hoje conhecemos de uma condenação por se dizer o que se pensa, abominando a retórica e o discurso bajulador, preferindo morrer a ter de trair suas convicções. De maneira não muito diversa, os cínicos em geral

cultivavam uma vida simples porém ousada e atrevida perante o poder e as leis. É nosso empenho mostrar que Rosa Luxemburgo não é apenas uma entre os parresiasistas mortos em decorrência de sua coragem da verdade, mas uma personalidade, nesse sentido, exemplar.

A *parrhêsia* como experiência, possibilidade ou modo de vida, é não apenas uma concepção, mas também uma maneira própria de viver e de morrer. Tão grande seja a quantidade, talvez, daqueles cuja morte decorreu do exercício da *parrhêsia* que seria impossível reuni-los num único texto. Em todos esses casos, é possível vislumbrar uma maior ou menor correlação com o famoso diálogo entre Alexandre o Grande, e o cínico Diógenes: trata-se sempre de um parresiasista que mantém com o mais poderoso uma relação na qual é o pólo mais fraco e, não obstante os riscos implicados, opta por, às vezes com ironia e arrogância, dizer o que pensa provocando no seu interlocutor poderoso um auto-questionamento e uma maior ou menor fúria. Isso por vezes acarreta na sua morte. Conta-se que Alexandre não matou Diógenes, mas poderia tê-lo feito. Foucault nos desvelou a seriedade desse caso que teria passado à história da filosofia como uma simples anedota. E buscou, próximo à sua morte, guiar a si mesmo em sua obra e em sua vida a partir do princípio ético desse modo cínico de se portar frente à verdade.

Rosa Luxemburgo, por sua vez, conhecia os limites da teoria, sabia que somente a práxis poderia conduzir as massas a uma revolução vitoriosa. Ao

mesmo tempo parresiasta e militante revolucionária, fundiu exemplarmente sua teoria e sua prática política, cuja morte foi o insípido coroamento. Seus primeiros trabalhos já incitaram fervorosas discussões nos meios marxistas, não se furtando a nomear quem eram os autores ou políticos contra os quais escrevia. Seus principais inimigos, os oportunistas aliados à socialdemocracia alemã, efetivamente perseguiram-na e obtiveram êxito em confiscar-lhe a vida, o que ocorreu em 15 de janeiro de 1919, poucos meses após o fim do conflito mundial.

Rosa lutou pelos direitos dos judeus, das mulheres e dos poloneses, dominados pela Rússia czarista, que muito sofriam por não ter os mesmos direitos dos homens ou dos politicamente dominantes. Mas sabia que outras minorias sofriam males similares ao redor do mundo, não menos cruéis e degenerescentes. Sua crítica extrapola os limites de sua própria condição e do grupo ao qual pertencia (polonesa, mulher, judia) e concebe como grande inimigo comum a todos os povos e grupos oprimidos o mesmo e único sistema social, político e econômico que se expandia por todo o mundo: o capitalismo: “Para mim as pobres vítimas das *plantations* de borracha em Putumayo, os negros da África [...] são igualmente próximos” (LUXEMBURGO, 1983, p. 32).

Ser revolucionário para Rosa consistia em contribuir para a mudança integral e sistemática de todo um modelo coeso e totalizante, o capitalismo, que impunha a todos seu peculiar modo de relação dos homens entre si e com a natureza. Exerceu até o

fim o papel de investigar os fatos que presenciava ou de que tinha notícia e relacioná-los elucidando aos interessados na revolução as armas necessárias e possíveis de se empreender na luta tanto em nível geral (acumulação do capital) quanto local (greves específicas em diversos países, luta das mulheres, do operariado belga, alemão, russo, polonês, as Revoluções Russas de 1905 e 1917).

Não poderemos neste pequeno texto esmiuçar com a precisão que se requer as sutilezas e detalhes relativos ao meio de socialdemocracia que Rosa Luxemburgo encontrou na Alemanha onde viveu os últimos anos de sua vida. Nem é nosso intuito aqui adentrar na querela da reforma ou revolução (ou das diferentes estratégias de passagem ao socialismo) cujos desígnios são muitos e extraordinariamente complexos, o que comprova a vastíssima bibliografia a esse respeito. Importa aqui, antes, lembrar a posição de Rosa em meio a tais debates, que tinham como principais interlocutores Eduard Bernstein e Karl Kautsky. Foi uma das primeiras a denunciar o oportunismo travestido de marxismo e fez dele uma crítica radical. O forte partido socialdemocrata alemão (SPD) falava pretensamente em nome dos trabalhadores e pregava que seria necessário um prévio amadurecimento da classe proletária antes de se travar a batalha final pelo socialismo (cf. K. Kautsky, *apud* MUSSE, 2000, p. 26). Mas Rosa percebeu um grande erro ligado a essa ideia, pois a seus olhos qualquer tentativa de reforma do capitalismo soçobriria uma vez que, como de fato ocorreu, os revisionistas seriam engolfados pelo sistema

e se tornariam eles próprios capitalistas, atraindo consigo as massas.

É evidente que a posição de Rosa Luxemburgo suscitou furiosas reações por todos os lugares por onde passou. Desde os tempos em que saiu foragida aos dezenove anos (em 1889) de Varsóvia para Genebra, já não era bem vista pela maioria dos que com ela conviviam, inclusive nos meios intelectuais. Mas após a Revolução Russa de 1917, a atmosfera alemã, país em que vivia à época, tornou-se incontornavelmente sufocante. E foi finalmente vencida pelos seus críticos mais duros. Lukács, mesmo não seguindo Rosa em muitas de suas principais ideias, elogiou sua coragem enquanto líder intelectual marxista e militante política, reconhecendo que a socialdemocracia fora de fato seu inimigo mais difícil de combater, pois gozava de grande apoio popular e se arrogava o direito de falar em nome de toda a classe. Em janeiro de 1921, dois anos após sua morte, Lukács escreveu um ensaio sobre Rosa que mais tarde incorporaria sua grande obra *História e consciência de classe*, publicada em 1923. Suas palavras finais são comoventes e inspiradoras:

Essa certeza sem ilusões inspira Rosa Luxemburgo em suas lutas pela emancipação do proletariado: sua emancipação econômica e política da servidão material do capitalismo, sua emancipação ideológica da servidão intelectual do oportunismo. Como grande líder intelectual do proletariado, conduziu sua luta principal contra esse último adversário – bem mais perigoso porque bem mais difícil de vencer. Sua morte, obra dos seus contraditores mais reais e obstinados, Scheidemann

e Noske, é o coroamento lógico do seu pensamento e da sua vida. Teoricamente, ela previu a derrota da insurreição de janeiro muitos anos antes de seu acontecimento; taticamente, ela a previu no instante da ação. O fato de ter apoiado as massas e partilhado de sua sorte nessas condições é uma conseqüência totalmente lógica da unidade da teoria e da práxis na sua ação, tanto quanto o ódio que lhe haviam declarado a justo título seus assassinos, os oportunistas da socialdemocracia. (2003, p. 132).

Não é pouca a semelhança com aquelas existências que Michel Foucault elencou em seus cursos sobre a *parrhêsia*. Ao longo dos séculos, destino similar encontraram muitos que se insurgiram contra o poder de maneira correlata. Um mesmo ímpeto em dizer a verdade, em dizer o que é, conduziu-os à morte, momento em que puderam afiançar que não residia em sua boca, mas em seu coração sua maior e mais impetuosa virtude.

Em verdade, Foucault demonstrara que a *parrhêsia* consistia numa “liberdade de tomar a palavra e, na palavra, de exercer o franco-falar” (FOUCAULT, 2008, p. 139). Assentada sobre esta noção estava, segundo suas análises quanto a diversos textos gregos, a própria possibilidade de existência da democracia. É que impedir o franco-falar dos cidadãos representava a imposição de um certo modo de pensar e agir, obviamente vindo de um tirano ou um grupo seletivo. Atenas muito cultivou a prática da *parrhêsia*, reconhecida como o próprio exercício do jogo da democracia, para Foucault algo enraizado na estratégia

política da sociedade grega que indica a maneira a qual se governavam a si próprios e uns aos outros os homens.

Trata-se, no fundo, de uma noção que reúne exemplarmente a teoria e a prática, o discurso e os atos, os saberes e as resistências, como bem disse F. Gros ao comentar os últimos cursos de Foucault (GROS, 2002, p. 7). Importa a essa peculiar noção de verdade que ela comporte uma ética, e não propriamente uma lógica. E Gros ainda complementa: “Essas fórmulas ainda não são exatas, pois elas não prenunciam o essencial, que é que a escrita e a ação são *uma mesma coisa*” (*ibid.*, p. 8). Ao trabalhar com essa noção no ocaso de sua vida, Foucault não apenas analisava um certo conceito sobre o falar verdadeiro nas sociedades antigas, mas exercitava o seu próprio falar e sua própria função de intelectual. O retórico se preocupa em fazer crer, modelando seu discurso a esse empenho, à maneira como irá dizer, visando persuadir. O parresiasta, ao contrário, está convicto do que dirá, e busca fazê-lo o mais diretamente possível, com serenidade.

Eis que Foucault, ao longo desses dois anos de estudos, expõe diversas utilizações, entre os antigos, da *parrhêsia*. E culmina na análise da *parrhêsia* como um modelar a vida, como uma técnica de cultivar a si mesmo e impor a si certo modo de vida, uma arte, uma estética da existência. Não mais uma *parrhêsia* apenas como poder de dizer a verdade, mas como uso, ao mesmo tempo ético e político, de constituição de si: “Uma certa filosofia se dá a pensar, que não é mais

discurso metafísico sobre a verdade divina da alma, mas uma certa prática da verdade que seja ao mesmo tempo uma prática de si” (*ibid.*, p. 162). Crescente interesse de Foucault pelos cínicos gregos, que uniam seu modo de falar áspero e provocador a um modo específico de viver, em geral muito modesto. Implicação de um modo de falar e de pensar sobre um modo de viver. Estilo de existência que podemos encontrar, se quisermos, em Rosa Luxemburgo e noutros militantes políticos dos séculos XIX e XX, bem como em muitos artistas e *dândis*. Quanto aos filósofos, aqueles que se empenham no franco-falar para além da mera especulação metafísica é que alcançam o verdadeiro engajamento.

Viver de acordo com a *parrhêsia* não contradiz aquilo que Plutarco almejava com seu projeto de *Vidas paralelas*: dar exemplos de vivências tais que merecessem ser conhecidas, para que seus erros não se repetissem, e suas virtudes fossem imitadas. Embora hostil ao estoicismo, Plutarco revela a mesma obstinação no cuidado de si e na edificação do *ethos*, que Foucault demonstrará ser uma característica própria senão de toda a antiguidade ao menos com mais força nesse período tardio, comum a estóicos, epicúreos, cétricos, platônicos e cínicos, malgrado as diferentes técnicas empregadas por cada escola. O conselho dado por um filósofo aos demais homens nunca contrasta com a assertiva maior de que cada um deve guiar-se a si mesmo. Desse modo, a *parrhêsia* jamais é enfraquecida pelos conselhos didáticos do mestre.

A própria relação mestre-discípulo, nesse âmbito, não é unilateral. O mestre sempre aprende ao comunicar aos discípulos seus ensinamentos, e a resposta recebida lhe será, não menos, uma direção a ser seguida. Assim revelam as cartas enviadas por Sêneca ao discípulo e amigo Lucílio. Justo por esse fato, observado principalmente na curva dos dois primeiros séculos em Roma, Foucault chamou o período de *idade áurea do cuidado de si*. Em todo caso, não obstante, a didática assumia uma função correlata à *parrhêsia*: o conselho e a auto-formação ética do indivíduo eram indissociáveis, e Plutarco não constitui exceção. A medicina da época – e o homem-modelo escolhido por Foucault que a representa é Galeno – possui a mesma característica. O médico, mais do que cuidar, deve ensinar uma melhor maneira de portar-se a si mesmo frente às diferentes situações; o filósofo, igualmente, além de ensinar a pensar e a se constituir a si próprio como sujeito moral, deve cuidar da alma dos homens.

E quanto à morte? Eis que nos defrontamos com uma enorme dificuldade. Pois para tratá-la, é preciso desatar certas amarras, deixá-las atrás de si, abandonar e corromper nosso centro de gravidade, para devassar e descer, com um concentrado e determinado empenho, a esse vale desconhecido e atemorizante, cuja vastidão é a do nada infinito, onde o mundo real em que vivemos se torna longínquo, para que nos seja dado sentir, momento todavia dos mais sublimes, a incômoda e incerta sensação do que seja a morte. Experiência-limite, como disse com razão Georges Bataille, inelutável, inderrogável. É dessa abertura que se liberta a obra de arte:

O que me surpreende é que em nossa sociedade a arte só tenha relação com os objetos e não com os indivíduos ou com a vida. A vida de todo indivíduo não poderia ser uma obra de arte? (FOUCAULT *apud* DREYFUS; RABINOW, 1984, p. 331).

Foucault já clamava pelo caráter de a morte ser uma experiência-limite desde os escritos sobre a clínica e a doença mental, mais precisamente em *O nascimento da clínica*. A experiência da morte, a seus olhos, não poderia ser encarada senão como violência, descontinuidade, incerteza, nunca algo natural, à maneira como Bichat, médico do final do século XVIII, havia, antes de qualquer outro, descrito. Ao fazê-lo, Bichat incorporou a experiência da morte à epistemologia moderna, tornando seu estudo indispensável ao conhecimento da própria vida e de seus processos complexos que, no limite, nada são que um conjunto de processos que lutam contra a morte.

Tal concepção da morte surge, segundo as análises de Foucault, no limiar entre a idade clássica e a modernidade, onde a infinitude, marcada pela presença de Deus como centro de gravidade do mundo, dá lugar à finitude do homem, com sua conseqüente dissolução com os deuses, submetendo-o ao reino do limite. A Foucault não restaria outra alternativa senão uma vida e uma morte tal como as pensou: “Quando Foucault analisa as teses de Bichat, o tom mostra suficientemente que se trata de algo diferente de uma análise epistemológica. Trata-se de conceber a morte, e poucos homens, como Foucault, morreram tal como a conceberam” (DELEUZE, 2005, p. 102).

Com Rosa Luxemburgo não se passou de maneira muito diferente. Plenamente consciente de que a morte complementa a vida, sobremaneira quando se trata de um revolucionário, Rosa nunca a evitou, ao contrário foi ao encontro de uma morte simbólica, não somente por ser a única alternativa que a ela lhe foi reservada, mas por assim querer e nunca tergiversar quanto à possibilidade de um fim trágico. Tornou-se senhora de si no momento da morte, ou pelo menos relativamente senhora de sua singularidade em meio ao complexo sistema sócio-político em que viveu. A morte de Sêneca, noutros tempos, talvez tenha representado algo semelhante para os romanos ao sentido que a morte de Rosa teve para os comunistas do século XX.

A doença consumia Foucault, descreve seu biógrafo, embasado em relatos daqueles que com ele conviveram em seus últimos dias (ERIBON, 1990). E a cada mês que passava, mais absorto estava na ideia do franco-falar e de uma certa relação com a verdade. Como correlato a essa última fase de sua vida, mais calma e serena, um igual estilo de escrita veio substituir o lirismo apaixonado de suas obras anteriores: “Como se a aproximação da morte e seu pressentimento de que ela estava chegando o tivessem conduzido ao caminho da serenidade, segundo o modelo da ‘vida filosófica’ tal como Sêneca, então seu autor predileto, podia valorizá-la” (*ibid.*, p. 310). Rosa, um dia antes de morrer, transparecendo conhecer seu breve destino, ironizou sobre a “ordem” que reinava na Alemanha de então, à custa de matanças e “cuja sobrevivência

dependia sempre de novos derramamentos de sangue [...] que ‘inexoravelmente prosseguem rumo ao seu destino histórico – a aniquilação’ “ (LUXEMBURGO, 1983, p. 193).

Duas existências singulares cuja morte veio coroar seu estilo único de vida e realizar o maior elogio à coragem empregada em seu franco-falar.

A morte, fiadora da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G. “As dobras ou o lado de dentro do pensamento (subjetivação)”. IN: _____. **Foucault.** Trad. C. Sant’Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005, pp. 101-130.

DREYFUS; RABINOW. **Michel foucault, un parcours philosophique.** Gallimard, 1984.

ERIBON, D. **Michel Foucault, 1926-1984.** Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FOUCAULT, M. **Le gouvernement de soi et des autres: Cours au Collège de France (1982-1983).** Paris: Gallimard/Seuil, 2008.

GROS, F. (org.) **Le courage de la vérité.** Paris: PUF, 2002.

LUKÁCS, G. “Rosa Luxemburgo como marxista”. IN: _____. **História e consciência de classe.** Trad. Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp. 105-132.

LUXEMBURGO, R. **Camarada e amante: cartas de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches.** Trad. Norma de Abreu Telles. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MUSSE, R. “O debate sobre a Revolução Russa de 1905 na Social-Democracia Alemã” IN: **Revista de História** [online]. Departamento de História da USP (ISSN 0034-8309), n° 139, pp. 21-34. São Paulo: FFLCH-USP, 1998. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/>>. Acesso em 10 ago. 2010.

PLUTARCO. **Vidas paralelas: Péricles e Fábio Máximo**. Trad. Ana Maria G. Ferreira e Ália Rosa C. Rodrigues. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2010. Disponível em <https://bdigital.sib.uc.pt/classicadigitalia_eng/bitstream/123456789/35/1/pericles_fabio-maximo.pdf>. Acesso em 08 ago. 2010.